

EDITORIAL

Apresentamos neste número o resultado da pesquisa realizada pelos biblistas catarinenses sobre o tema da tradução da Bíblia. Sabemos que o mesmo constitui uma das principais preocupações dos estudiosos da Bíblia, devido, especialmente, à dificuldade de expressar o sentido exato dos textos originais em outro contexto cultural. Basta conferir as diferenças nas diversas traduções da Bíblia.

Felizmente constatamos, da parte dos biblistas, um crescente interesse pelo conhecimento da língua hebraica e da grega, bem como pelo cuidado que se deve ter ao perscrutar o significado de cada palavra, de cada frase e de cada texto da Bíblia. Uma boa tradução é o começo de toda boa exegese e também de uma boa leitura da Bíblia. Apesar de já termos importante caminhada em tradução da Bíblia, ainda é escassa a reflexão sobre esse tema. Além do “Fórum de Ciências Bíblicas” ligado à Sociedade Bíblica do Brasil, não existem muitos espaços de discussão sobre a especificidade e a complexidade da tradução dos textos bíblicos. Assim, propondo esse tema para o número 131 da Revista *Estudos Bíblicos*, buscamos trabalhar na direção de quatro objetivos: 1. Estimular a troca de experiências entre tradutores protestantes e católicos e a reflexão crítica sobre o ato da tradução da Bíblia, bem como sobre as ferramentas impressas e eletrônicas utilizadas neste trabalho; 2. Evidenciar e discutir preconceitos, violências e outros problemas encontrados em algumas das traduções existentes; 3. Refletir conjuntamente sobre os desafios apresentados aos tradutores e tradutoras da Bíblia pelas novas configurações da história de Israel e da história da redação da Bíblia, especialmente a partir das novas proposições vindas da arqueologia nas últimas décadas; 4. Como dicionários e léxicos de línguas bíblicas tratam situações de palavras de tradução incerta ou tratam casos de palavras de acepção complexa que geram dificuldade para o tradutor da Bíblia, e 5. Realçar a importância do conhecimento das línguas bíblicas, especialmente do hebraico e do grego, para os estudiosos da Bíblia, mesmo para aqueles que estão usando a Bíblia junto ao povo.

Tendo em vista estes objetivos, cada um dos articulistas colaboradores deste número dedicou-se na pesquisa, com esmero, enfocando um aspecto que considerou importante dentro do tema geral formulado através do título provocativo *Tradução da Bíblia: desafios, ferramentas e violências*. Os leitores poderão conferir com a certeza de que serão beneficiados dos ricos conteúdos aqui oferecidos com muito carinho.

Temos a alegria de contar com a contribuição do editor responsável pela revista *Estudos Bíblicos*, Ludovico Garmus. Em seu artigo *A Bíblia Sagrada da Editora Vozes: opções de tradução*, Frei Ludovico aprofunda suas reflexões sobre a experiência da tradução da Bíblia Sagrada da Editora Vozes. Aborda inicialmente as finalidades da tradução, e depois dirige nossa atenção especialmente para opções de tradução, tanto de versículos do Antigo Testamento, como do Novo Testamento, em que a Bíblia Vozes afasta-se de outras traduções. Para o Novo Testamento, valendo-se de estudos de um exegeta brasileiro, Simão Voigt († 2002), propõe uma tradução arrojada, como Rm 5,14 e 9,3.

No artigo *Tradução e etnocentrismo. Antoine Berman e a tradução da Bíblia*, Luiz José Dietrich apresenta-nos a obra de Antoine Berman. Para este crítico da tradução, a maioria das traduções feitas hoje no Ocidente, incluindo-se aí também as traduções da Bíblia, caracteriza-se por três traços: “*Culturalmente falando é etnocêntrica. Literariamente falando é hipertextual. E filosoficamente falando é platônica*”. Berman dirige críticas contundentes à teoria da equivalência formal, desenvolvido por Eugene Nida. O artigo é finalizado com a discussão da tradução dos termos hebraicos *Elohim* e *Qedešah/Qadeš*, concluindo que as críticas de Berman nos desafiam revisar nossas teorias da tradução e a buscar novas bases para a tradução da Bíblia.

Tradução: as muitas pontas do Delta é o título que Armando Rafael Castro Acquaroli deu para seu artigo, comparando a história da transmissão do texto bíblico como o percurso de um rio. Embora haja somente uma só corrente que o percorre, seu fim é dividir-se em muitos braços. Tais braços do delta vão muito além do que pensava vendo o nascente olho d’água que deu origem ao caudaloso flúmen. O autor alerta que quando se traduz um texto é preciso considerar as fontes das quais se parte.

Uwe Wegner trata do *Reino de Deus e reinos terrenos: algumas traduções controversas em textos politicamente relevantes do Novo Testamento*. O artigo examina as diferentes traduções propostas para a expressão “reino de Deus” e para dois textos politicamente relevantes do Novo Testamento: Mc 10,42-45 e Jo 18,36. Constata-se que as versões bíblicas correntes nem sempre traduzem certos termos com a precisão e originalidade aos quais fazem jus.

Renatus Porath apresenta *O livro de Isaías em grego: o tradutor-intérprete de Hazón Yešayahu / Visão de Isaías*. Chega à constatação de que a transposição dessa grande obra da escatologia profética da Bíblia Hebraica para a língua grega revela um único tradutor com seus vínculos comunitários num determinado lugar histórico. Um tradutor que persegue uma intencionalidade singular junto a seu público leitor/ouvinte e transita com liberdade entre o mundo da cultura judaica e o universo da cultura helenística.

Partindo do estudo comparativo de tradução do texto de 1Cor 11,9-11, Sílvia Togneri procura perceber se no trabalho da tradução para o português ocorreu

considerável mudança no significado original do texto, uma vez que os textos bíblicos são de considerável importância também como norteadores das relações entre os seres humanos. *Quando o texto original sofre mudanças* é o título do seu artigo. Muitas vezes, a perda do significado original do texto pode causar efeitos, nem sempre positivos, entre as pessoas.

Nesta mesma linha reflete Ademir Rubini em seu estudo sobre *A influência da tradução no sentido do texto bíblico: uma análise de 1Cor 13,1-7*. Ele pergunta se é possível traduzir um texto bíblico, mantendo seu sentido original. Apresenta, então, os contextos que provocaram as primeiras traduções e as dificuldades para adequar o texto bíblico original dentro de outras línguas e culturas, sobretudo em nossas línguas modernas. Analisa a tradução de alguns termos e expressões que fazem parte do hino do amor, objetivando perceber que toda tradução não deixa de ser uma interpretação.

O teólogo no banco dos réus: a tradução e interpretação da preposição 'el em Jó 42,7-8 é o sugestivo título do artigo que Roger Marcel Wanke nos oferece. A tradução do livro de Jó tem sido um dos grandes desafios para quem se ocupa com essa obra-prima da literatura sapiencial veterotestamentária. A pesquisa tem trazido à tona alguns problemas de tradução do texto, que chegam a influenciar a sua interpretação. O artigo apresenta de forma breve as implicações da tradução do texto citado no título, a discussão a respeito desse problema na pesquisa exegética do livro de Jó e propõe uma tradução que seja coerente tanto com o termo hebraico como também com a teologia do livro.

Tradução: passar de uma língua a outra é uma tarefa mais complexa do que se pensa. Benedito Clovis e Orides Bernardino lembram-nos, em seu artigo, que o tradutor leva para o texto um aprendizado de pressupostos teológicos que influenciam sobre o resultado da tradução. Por mais que o tradutor esteja imbuído do sincero propósito de oferecer um texto isento de vícios, incorreções e imprecisões, por vezes, os obstáculos são intransponíveis e aquilo que pretendia ser uma tradução se torna inevitavelmente também uma interpretação.

Pedra rígida ou gruta rochosa? É a pergunta-título do artigo de Celso Loraschi, o qual analisa o dito de Mt 16,18, debruçando-se especialmente sobre o sentido da palavra “pedra”, proferida por Jesus ao comissionar Pedro como líder da Igreja. Seguindo fundamentalmente o estudo de dois autores, defende a ideia de que o termo usado por Jesus, na língua aramaica, teria sido *Kefá*. Apresenta um campo fonético-semântico ilustrativo, trazendo à tona o conteúdo “escondido” dentro desta palavra, revelando a importância de abrir-se aos novos conceitos derivados de interpretações que levam em conta o contexto histórico-cultural de onde emerge um texto bíblico.

Finalizando, Ney Brasil Pereira, a quem muito agradecemos pela revisão da maioria dos artigos aqui apresentados, nos oferece a recensão do projeto de tradução dos originais gregos, realizada por Haroldo Dutra Dias, intitulado de

O Novo Testamento. Dialoga com o autor-tradutor fazendo diversas observações que poderão ser contempladas em futura publicação. Conclui afirmando que a tradução de Haroldo Dias é “uma contribuição valiosa para um melhor conhecimento do texto original dos quatro evangelhos e dos Atos dos Apóstolos. Ela ocupa certamente um bom lugar entre as várias recentes traduções desses textos em nosso país”.

Boa leitura!

*Luiz José Dietrich
Celso Loraschi*